



AVALIAÇÃO DO GRAU DE ANSIEDADE DOS ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA EM RELAÇÃO A APLICAÇÃO DE TÉCNICAS ANESTÉSICAS

Júlia Jacovós Moszko¹, Rebeca dos Santos Tuchlinowicz², Gustavo Zanna Ferreira³,
Carolina Ferrairo Danieleto Zanna⁴

¹Acadêmica do Curso de Odontologia, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Bolsista PIBIC¹²/ICETI- Unicesumar. jjacovosm@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Odontologia, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. rebecatuchli@gmail.com

³Coorientador, Doutor, Docente do Curso de Odontologia, UNICESUMAR. gustavozanna@hotmail.com

⁴Orientadora, Mestre, Docente do Curso de Odontologia, UNICESUMAR. carol_danieletto@hotmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar e avaliar se os sintomas de ansiedade estão associados com a aplicação das técnicas anestésicas nos dos acadêmicos do curso de odontologia. Esta pesquisa refere-se a um trabalho desenvolvido com 167 alunos matriculados na UniCesumar em período integral; e foram analisados, em sua maioria, em dois semestres diferentes com o propósito de fazer uma comparação. O instrumento de coleta de dados foi um questionário semi-estruturado, dividido em três seções: a 1ª para o levantamento das informações epidemiológicas, a 2ª para a mensuração dos elementos do dia-dia que podem influenciar no grau da ansiedade e a 3ª para a mensuração da sintomatologia propriamente dita através da Escala Beck de ansiedade (BAI) e por meio de perguntas abertas (objetivando compreender a origem dos sintomas e agregar recomendações para futuras intervenções). Foi constatado que a maioria dos estudantes não sentem a sintomatologia diante do contexto, mas que a minoria deles acreditam se sentir preparados para a aplicação.

PALAVRAS-CHAVE: Anestesia; Apreensão; Medo.

1 INTRODUÇÃO

É importante destacar que neste estudo serão apresentados dados que dizem respeito aos sintomas de ansiedade em acadêmicos diante de cenários de aplicação de técnicas anestésicas *stricto*, assinalando a distinção entre estes e o transtorno de ansiedade *per se*. Segundo os manuais diagnósticos, um indivíduo conter a sintomatologia não significa, necessariamente, que ele detém o transtorno; afinal, os sintomas em questão são uma reação comum e normal, enquanto o transtorno é um conjunto que leva em consideração as eventuais comorbidades, a ausência ou presença de contexto identificável, o íterim de tempo e o grau de sofrimento - cabe uma análise completa, e sem essa anamnese é pouco científico e bastante falho assumir que “ansiedade” é igual a “medo” (APA, 2014; OMS, 2022).

As hipóteses para o desenvolvimento da nossa pesquisa são de que a maioria dos alunos da instituição (mais de cinquenta por cento da amostra) contém a sintomatologia de ansiedade de nível leve à moderado frente às técnicas anestésicas. De que os principais motivos externos sejam alusivos às possíveis complicações como: administração errônea (injeção intravascular acidental e administração extravascular excessiva), a escolha inadequada do anestésico, a possibilidade de parestesia, respostas de alergias inesperadas, superdosagem, dentre outras (MALAMED, 2021); e as principais razões internas sejam referentes à falta de autoconfiança, sensação de impotência, insegurança, medo do desconhecido, medo de falhar, necessidade de provar a si mesmo e sensação de falta de preparo (FERNANDES et al., 2007; SANTOS & ASSIS, 2017).



O objetivo geral (ou primário) para a elaboração deste trabalho foi fazer um levantamento de informações qualitativas e quantitativas que buscasse responder às perguntas: qual o percentual de estudantes de odontologia que apontam os sintomas de ansiedade diante das técnicas anestésicas e o que esses acadêmicos consideram que são os porquês? Já os objetivos específicos (ou secundários) foram avaliar a presença e o grau dessa sintomatologia, obter as possíveis causas e caso as hipóteses exibidas anteriormente fossem confirmadas – realizar recomendações de alterações metodológicas no ensino e/ou na forma de estudo dos alunos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UniCesumar (nº CAAE 63820222.0.0000.5539).

Considerando o cálculo amostral, a amostra original seria composta por 70 estudantes do 4º período de 2022 do curso de odontologia da UniCesumar, 56 do 6º e 78 do 8º; totalizando 200. Os dados foram angariados através de um questionário estruturado, desenvolvido em três seções: a primeira para elaborarmos um levantamento das informações epidemiológicas, a segunda para analisarmos elementos do dia-a-dia que influenciam no nível ansiedade e a terceira para a mensuração, de fato, dos sintomas de ansiedade frente a aplicação das técnicas anestésicas. As questões da última seção foram fundamentadas na Escala Beck de Ansiedade (BAI) adaptada (CUNHA, 2001).

A coleta de dados aconteceu dentro das dependências da faculdade, nos meses de setembro de 2022 a abril de 2023. Os questionários foram aplicados nos acadêmicos do 4º, 6º e 8º semestres (análise intergrupo), e os alunos do 4º e do 6º responderam-no em dois momentos distintos (responderam, também, no período posterior - no caso, 5º e 7º) - de modo que nos possibilitou fazer uma comparação (análise intragrupo). Os estudantes do 8º semestre não responderam o questionário em duas ocasiões diferentes porque no momento da segunda aplicação eles já haviam finalizado a graduação. As informações obtidas foram submetidas a análise estatística com nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apesar das inúmeras tentativas para nos ater a contagem de questionários estabelecida através do cálculo amostral, esse número acabou variando um pouco em algumas turmas pois, devido à data do aval do Comitê de Ética, parte da coleta foi realizada nas últimas semanas de aula do ano (período, este, de pouca frequência nas classes por parte dos acadêmicos) - assim, a amostra oficial foi composta por 66 alunos do 4º período, 55 do 6º e 46 do 8º; totalizando 167.

Dentre os fatores que podem influenciar no aumento do grau de ansiedade, 73% dos estudantes acreditam que detém uma alimentação saudável – sendo a maior porcentagem (81,8%) encontrada no 4º semestre e a menor no 6º (65,5%). Grande parte dos acadêmicos praticam atividades físicas (68,9%); dos quais os maiores números se concentram nas frequências de 3 a $\geq 5x$ /semana. De acordo com as informações dos alunos analisados, 64,7% declaram que não contém dificuldade alguma para dormir; sendo a turma que dorme melhor a do 6º período (74,5% não tem problemas) e a que dorme pior a do 4º (40,9% tem problemas) - no geral, a maioria dorme de 6h a $\geq 8h$ /noite.

A maioria dos estudantes não faz uso de substâncias estimulantes (59,9%); contudo, dos que fazem, 61,3% utilizam o café. Quanto aos hábitos e vícios, 21,7% são fumantes; dos quais 75,6% utilizam o cigarro eletrônico.



Em relação ao nível da sintomatologia de ansiedade dos acadêmicos diante da aplicação das técnicas anestésicas, observa-se que 75,4% dos alunos acreditam que não detêm os sintomas, 18,2% contêm sintomatologia leve, 4,9% moderada e 1,5% grave. A maior porcentagem de estudantes que detêm os sintomas encontra-se no 4º semestre (30,7%) – o que já era esperado, devido a este ser o momento do primeiro contato deles com a disciplina e com a aplicação da anestesia; e os menores números estão no 6º (18,8%), deixando, curiosamente, o 8º intermediário (21,7%) – embora as porcentagens sejam diferentes, não estão muito distantes.

Não foram encontradas pesquisas semelhantes para traçar um paralelo fidedigno; no entanto, foram encontrados alguns trabalhos que mensuraram a sintomatologia de ansiedade em acadêmicos de odontologia de uma forma ampla (sem esses sintomas terem outro direcionamento a não ser o próprio ambiente do curso) e que são importantes de serem citados. A primeira é o estudo de CARVALHO et al. (2017), que expôs que 50% dos alunos em uma universidade privada do sul de Minas Gerais em 2012 afirmaram identificação com a sintomatologia de ansiedade. Já na pesquisa de TRINDADE et al. (2021), 78% dos estudantes em uma instituição de ensino superior de Curitiba em 2019 acreditavam ser ansiosos e 44,7% declararam que os sintomas estavam associados a faculdade - este trabalho compila dados das graduações de enfermagem, odontologia e psicologia, e apesar da primeira informação ser específica dos acadêmicos de odontologia, a segunda é uma mescla dos três cursos. MONTEZUMA, (2020), por sua vez, empregou a Escala Beck de Ansiedade (assim como no presente estudo), e analisou que 40% dos estudantes da Universidade Federal do Ceará no ano de 2020 demonstraram sintomatologia de ansiedade de grau mínimo, 33,8% de grau leve, 22,3% de grau moderado e 3,8% de grau severo - números bastante destoantes dos obtidos aqui, com uma variação percentual de 46,9%, -85,7%, -355,1% e -153,3%, respectivamente.

Continuando para a apresentação das informações referentes a quais técnicas anestésicas os alunos apresentam maior dificuldade para fazer; as mais atribuídas são a infra-orbitária (25,7%), o bloqueio do nervo alveolar inferior (indireto, 24,3%) e a nasopalatina (15,2%). Grande parte dos estudantes do 4º período apontam maior inconveniência com a técnica infra-orbitária (49,1%) – o que se mantém no semestre seguinte; os do 6º com a técnica indireta do bloqueio do nervo alveolar inferior (55,6%) – o que igualmente se mantém no período seguinte; e os do 8º também com a técnica infra-orbitária (25,7%). Dentro deste viés, prosseguimos para a exposição dos dados relacionados a como os acadêmicos se preparam para a realização dessas técnicas – onde é possível concluir que a maioria recorre a gravações de vídeos no YouTube (30,5%); perfil cuja moda é alterada apenas no último semestre do escopo avaliado (que usam mais dos slides, 63%).

Caminhando para o fim e avançando para a apresentação do que os alunos acreditam que pode estar causando os sintomas - 45,2% declaram ser o medo de errar, 27% a inexperiência, 15,7% a ansiedade e o nervosismo, 10,4% o medo de causar dor no paciente e 1,7% a pressão advinda dos professores.

Quando indagados sobre o que a universidade poderia fazer para a melhoria do quadro sintomatológico - 39,4% dos estudantes acreditam que uma oferta maior de aulas práticas seria benéfica; enquanto 12,8% acreditam que apoio e técnicas de relaxamento promovidas pelos educadores poderiam contribuir. Para 11,9%, treinar em animais ou em manequins antes da aplicação em humanos seria uma solução viável. A oferta ampliada de materiais de estudo é apoiada por 6,4% (incluindo a gravação de vídeos pelos docentes e a liberação dos slides) e 6,4% também defendem a maior disponibilidade de professores e monitores. Além disso, 4,6% pensam que menos pressão por parte dos educadores ajudaria e 18,3% consideram que os métodos atuais são os mais adequados.



Quando indagados sobre o que eles mesmos poderiam fazer para a melhora dos sintomas - 37,6% dos acadêmicos declararam que estudar mais é uma solução potencial, enquanto 24,8% declararam a necessidade de aprender a controlar a ansiedade e manter a calma. Para 20,3%, praticar mais é fundamental. A importância de desenvolver uma maior confiança em si mesmos foi percebida por 9,8% e 2,3% mencionaram que técnicas de relaxamento poderiam ser úteis. Além disso, 1,5% alegaram que podem tentar se preparar psicologicamente e 0,8% cogitaram a possibilidade de iniciar um processo terapêutico. Somente 3% consideram que se sentem preparados para lidar com a circunstância.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu verificar que a maior parte dos alunos não apontam sintomatologia de ansiedade, no entanto, a minoria se sente preparada para executar as técnicas anestésicas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CARVALHO, Marina Conceição Peres et al. Levantamento da situação de saúde mental e uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos do curso de odontologia de uma universidade do sul de Minas Gerais. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. Três Corações, v. 15, n. 1, p. 489-496. Jan./Jul. 2017.

CUNHA, Jurema Alcides. **Manual Escalas Beck**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FERNANDES, A. U. R. *et al.* Desordem temporomandibular e ansiedade em graduandos de odontologia. **Ciênc. Odontol. Bras.**, v. 10, n. 1, p. 70-77, 2007.

MALAMED, Stanley F. **Manual de anestesia local**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2021. 400 p. ISBN: 9788595157989.

MONTEZUMA, Lenise Queiroz Veríssimo. **Ansiedade e dependência de smartphone em acadêmicos do curso de odontologia da Universidade Federal do Ceará**. Orientador: Profa. Dra. Lívia Maria Sales Pinto Fiamengui. 2020. 34 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Odontologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-11 for mortality and morbidity statistics**. Genebra: OMS, 2022.

SANTOS, Kaline Dellys dos; ASSIS, Marcio Antonio de. Fatores que contribuem para a segurança e insegurança do graduando de enfermagem durante o estágio. **Enfermagem Brasil**. Petrolina, v. 16, n. 1, p. 4-10. 2017.

TRINDADE, Haiza Tamaris Pereira *et al.* Ansiedade entre acadêmicos de enfermagem, odontologia e psicologia de uma instituição de ensino superior. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 22, n. 4, p. 38-49, 2021.